



## O deus de Dwarf's Hill: novas visões sobre o universo simbólico ao redor do culto de Nodens na Bretanha Romana

Mestrando Bruno Oliveira Araujo (NEREIDA/UFF)

**Resumo:** Neste trabalho iremos analisar aspectos da religiosidade Romano-Céltica entre os séculos III e V d.C. na atual região de Gloucestershire, Inglaterra, originalmente ocupada pela tribo dos Dobunni. Nosso foco será no complexo templo/*thermae* em Lydney Park, parte de uma rede maior de focos de peregrinação e templos de cura aquáticos da região. Procuramos entender o culto em volta da divindade Nodens, discutindo as interpretações historiográficas até o momento. Por meio de uma análise semiótica e comparativa da iconografia dos mosaicos e artefatos de bronze do complexo, a fim de indicar novas chaves interpretativas que apontem em uma direção diferente das pesquisas vigentes, propõe um culto híbrido com forte influência de signos de Dionísio-Sabázio.

**Palavras-chave:** Gloucestershire, religiosidade, hibridismo.

## The God of Dwarf's Hill: new insights on the symbolic universe of the cult of Nodens in Roman Britain

**Abstract:** This paper will examine aspects of Roman-Celtic religiosity between the III and V centuries AD in Gloucestershire, England, a region originally occupied by the tribe of Dobunni. Our focus is the complex temple/*thermae* in Lydney Park, part of a pilgrimage network related with healing temples of water context in the region. This paper seek to understand the cult of Nodens, discussing the current interpretations so far and, through a semiotic and comparative analysis of the iconography of the mosaics and bronze artifacts of the complex, achieve to propose new interpretations different than stabilized studies, by proposing a hybrid cult with strong influence of signs of Dionysus-Sabazius.

**Keywords:** Gloucestershire, religiousness, hybridity.

\*\*\*

No oeste da Inglaterra, dentro dos limites do condado de Gloucester (Gloucestershire) existe uma floresta próxima ao estuário do rio Severn. A Floresta de Dean como é chamada, é um lugar tradicionalmente ocupado por mineradores e que forneceu madeira, ferro e carvão para grande parte das Ilhas Britânicas (e além) desde a pré-história até o início do séc. XX. Entre o sul da floresta e a margem do rio, no território da atual cidade de Lydney, existe uma colina onde o folclore local acreditava habitarem pequenos seres mitológicos, motivo pelo qual os locais apelidaram a colina em Lydney Park de Dwarf's Hill.

As lendas locais provavelmente vêm das ruínas no topo da colina, toda entrecortada por túneis, que foram escavadas ao longo de três séculos por antiquários e pesquisadores de renome<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> As primeiras escavações foram feitas pela família Bathurst, dona da propriedade, entre o séc. XVIII e XIX, em geral a título de curiosidade e com métodos um tanto destrutivos, até que uma

As informações coletadas nessas escavações nos revelam um quadro interessante: um complexo ritual romano-bretão ricamente monumentalizado, datado do séc. III d.C.; um centro de peregrinação para os que buscavam a cura através de banhos rituais, onde identificamos elementos nativos, romanos e alguns totalmente originais.

\*\*\*

O fenômeno de um centro de peregrinação romano-céltico de cura aquática em Lydney não é um caso isolado. A religiosidade celta é profundamente relacionada à paisagem, com a consagração de santuários em lugares que evoquem a ideia de “incomum”, como bifurcações de rios, fontes naturais, árvores que se destaquem na paisagem, lugares que são transformados em lugares de culto às mais diferentes divindades das tribos da Idade do Ferro que, não por uma unidade política, mas por semelhanças socioculturais e espaciais, chamamos de celtas. As pesquisas desses santuários apontam uma íntima relação dentro da religiosidade celta entre a água e a cura. É comum em escavações encontrar-se depósitos rituais de figuras humanas e ex-votos em lagos, rios, fontes, cachoeiras e nascentes. No período onde o Império Romano se expande para a Gália, Península Ibéria e Bretanha, antigos santuários nativos são monumentalizados e acabam por transformar-se em templos romano-célticos, onde a *interpretatio* e os contatos de longa duração fazem nascer novas divindades, cultuadas com elementos romanos e nativos, compartilhando o mesmo espaço (tanto na arquitetura, quanto na estatuária e representação dos deuses), além de elementos totalmente novos, como ambulatórios. Esse movimento se inicia na Gália, mas rapidamente se espalha para todo o mundo romano-céltico (GREEN, 1986). Em Gloucestershire, região ocupada pela tribo dos Dobunni, dois santuários se destacam: o primeiro é complexo ritual das termas de *Aquae Sulis*, na cidade de Bath, datado do séc. I d.C. (com presença nativa anterior a isso), onde as fontes naturais de água quente foram utilizadas em contexto medicinal ainda séculos depois. O outro é o complexo de Lydney Park, cuja ocupação efetiva foi de curta duração, entre a segunda metade do séc. III e V d.C..

\*\*\*

A parca documentação escrita sobre o local não impediu os esforços de estudiosos para entender mais a fundo o fenômeno religioso no topo de Dwarf's Hill. A principal divindade do

---

equipe da Sociedade de Antiquários de Londres, liderada por Sir Mortmer Wheeler, realizou a maior e mais importante escavação no sítio que temos até hoje entre 1928-29, auxiliado por sua esposa Teresa Wheeler e nomes como dos professores R. G. Collingwood e J.R.R. Tolkien. Houve ainda uma escavação posterior nos anos 80, focada em correções na datação do sítio através da numismática e análise estratigráfica.

templo era um deus local chamado Nodens. Sabemos seu nome através de três defixiones encontrados no local, com as seguintes inscrições:

1. “Devo Nodenti Silvanus”
2. “D. M. Nodonti”
3. “deo Nudenti”, acompanhado de um cão de caça (possivelmente um greyhound - galgo)

Há ainda, um mosaico no centro do templo de Nodens onde existe a inscrição “DMNTFLAVIUS”. Segundo o um dos participantes da escavação de 1932, a letra “M” abreviada no segundo defixione, assim como o do mosaico, teriam o mesmo significado: Marte. Assim, as inscrições seriam lidas como “Deo Marti Nodonti” e “D(eo) M(arti) N(odenti) T(itus) Flavius”, indicando uma *interpretacio* entre Marte e uma divindade local. Tal relação não é incomum nas ilhas britânicas, onde Marte assumiu um caráter curativo, de “luta contra as enfermidades”, em especial as oculares (GREEN, 1986: 158-159).

Não foram encontradas representações iconográficas de Nodens em forma humana, mas há uma forte presença de figuras caninas associadas à divindade. Foram encontradas um total de nove estatuetas de cães, em sua maioria remetendo a raça “greyhound” (uma raça parecida com o galgo contemporâneo), além de enterramentos próximos de ossadas canídeas. A presença de cães em templos de cura não é novidade, sendo o caso mais conhecido o culto a Asclépio em Epidauros, onde cães lambiam a ferida dos doentes como forma de cura, e havia a interdição de seu sacrifício (GRIMAL, 1997: 49). Tais características fazem com que diversos autores associem Nodens a Asclépio, que tem como animais associados a cobra e o cão. Tal característica, aliada a proximidade da floresta à colina, também explicaria a inscrição dedicada a Nodens Silvanus (WHEELER & WHEELER, 1932: 40-43).

A análise do nome “Nodens” foi realizada pelo professor J.R.R. Tolkien, pesquisador participante das escavações de 1932. Ela aponta para uma relação entre Nodens e o herói/divindade irlandesa medieval Nuadu Airgetlám (Nuada da Mão de Prata), rei da Tuath de Dàna, além do Nudd em Gales e Lludd na Escócia. Tais nomes teriam o sentido de “rico”, “abastado”, “abundante” ou “criador de nuvens”, todos estes ligados à ideia de caça, em especial marinha (pesca) (MACKILLOP, 2004: 347-348; GREEN, 1992: 162-163; TOLKIEN, 1932: 132-137).

Por mais de 70 anos, a interpretação de Tolkien foi a principal fonte sobre Nodens, sendo reproduzida à exaustão, sem que nada novo surgisse sobre o assunto. Em 2008, o autor Stephen Yeates, ao trabalhar com a religiosidade dos Dobbuni, sugere outra interpretação. Ele chama atenção para a atividade mineradora da região da Floresta de Dean, e para outro aspecto da ocupação de Dwarf's Hill: antes de se construir ali o complexo ritual de Nodens, o lugar era ocupado por minas de ferro, primeiro nativas e, posteriormente, minas romanas, como fica claro na figura a seguir:

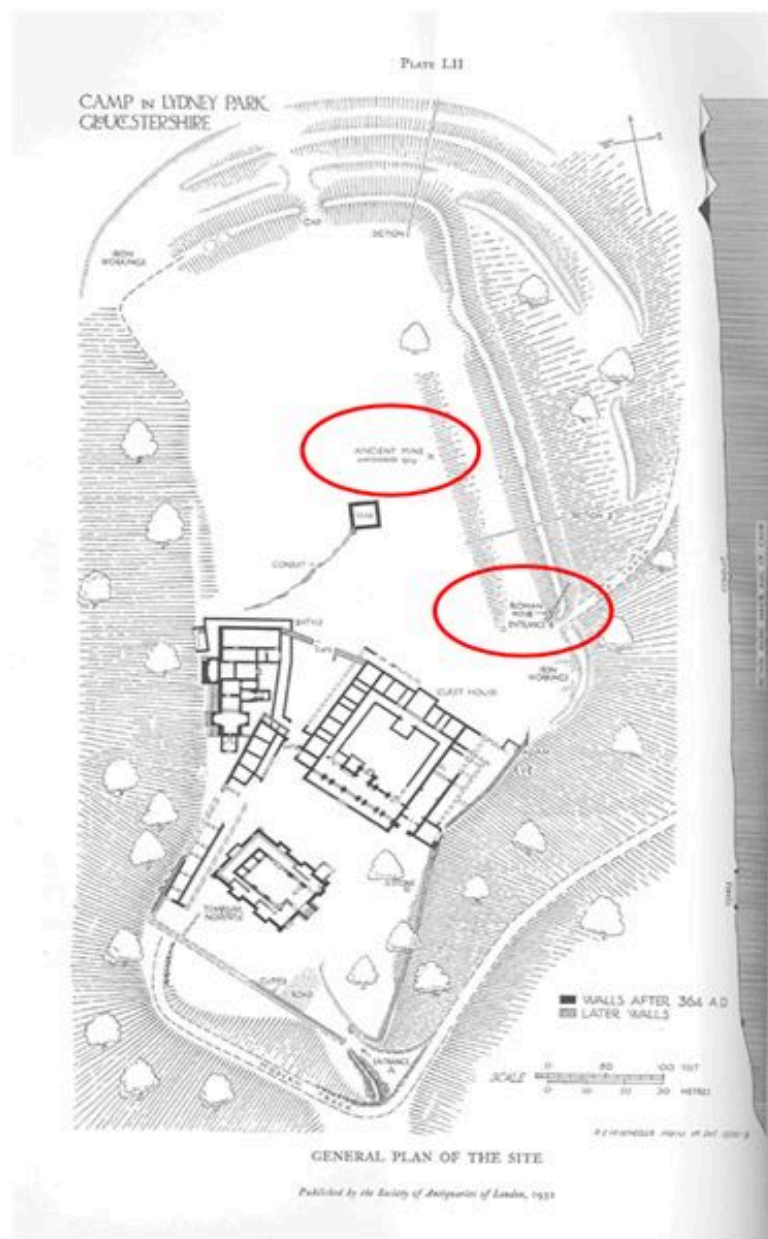


Figura 1: Mapa geral do topo de Dwarf's Hill. Em destaque, as entradas das minas de ferro (Wheeler & Wheeler, 1932: LII).

O autor recorre à antropologia, analisando cultos de divindades em regiões de mineração na África, aliado às interpretações do prof. Tolkien para sugerir que Nodens seria inicialmente uma divindade do submundo, ligada às riquezas e àquele quem decidiria se os mineiros veriam novamente o céu ou não, justificando assim a ideia de uma divindade celestial, senhora da vida e da morte e que, no período romano, seria resignificada.

\*\*\*

O foco até agora das pesquisas sobre Lydney Park estava centrado na questão do projeto arquitetônico, datação e comparação a outras experiências similares, a exemplo dos santuários de Bath e Uley. Trabalharemos aqui sob outra perspectiva no que tange o sistema simbólico próprio do cotidiano em que os peregrinos e agentes de ritual estavam imersos.

Nesse sentido, vamos nos debruçar sobre a cultura material existente no complexo, com foco especial na iconografia, buscando responder qual a relação do universo simbólico vivenciado no templo com as divindades cultuadas e as práticas rituais.

A imagem aqui, tanto gráfica quanto no âmbito das chamadas imagens mentais, é entendida como resultado de uma dialética entre produção e reconhecimento, de modo que esses signos acionem determinados *sentidos* para os sujeitos inseridos em determinado sistema cultural (JOLY, 1996: 13 e 28). A figura de um animal, de uma planta ou mesmo um padrão geométrico simples, é apropriado pelo artista no sistema de signos no qual está inserido a fim de passar uma mensagem, que será recebida e interpretada corretamente por alguém que possuir o mesmo contexto cultural do comunicador. Para os celtas, por exemplo, a representação do javali é uma imagem remetia à nobreza guerreira, à força e à virilidade. É assim estabelecida uma relação entre referente (o objeto), significante (comunicador) e significado (o receptor) (JOLY, 1996: 33).

É interessante ao pesquisador da imagem observar como tais signos são utilizados nas diversas formas, as soluções plásticas do artista ao remeter a determinada imagem mental ou situação e a formação de tradições, estilos e escolas. Importante também é observar como sistemas simbólicos diferentes, ao longo do tempo, passam de um processo de tradução cultural (como a *interpretatio* romana por exemplo), para a construção de um sistema de signos local, muitas vezes totalmente original.

Para definir uma metodologia de análise imagética, utilizaremos as unidades mínimas da imagem, em especial as observações de Claude Bérard (1983), partindo de duas frentes: a decomposição dos elementos mínimos que compõem os mosaicos e imagens em bronze, e a forma

como se arranjam entre si na formação da imagem, buscando entender as múltiplas camadas da mensagem.

Observamos também algumas especificidades relativas ao suporte onde tais imagens eram produzidas, no nosso caso o trabalho em bronze e os mosaicos de pavimento. Sobre os mosaicos, Katherine Dunbabin (1999) aponta questões importantes, como a observação das técnicas de fabricação, e a distinção entre temas mitológicos, geométricos, florais e vegetais, que no período romano em especial tendem a aparecer juntos nas composições, Lydney não sendo exceção (TROMBETTA, 2004: 70-71). Outro ponto importante abordado pela autora é a observação da existência de um ou mais temas na composição do mosaico, definindo sua hierarquia primária e secundária quando necessário (TROMBETTA, 2004: 73).

É na dinâmica da comunicação entre a intenção do artista e a visão/apropriação dos frequentadores do espaço no dia-a-dia que pretendemos entender a *ação* ritual dos símbolos que compõem o universo cultural do complexo de Lydney Park. Portanto consideremos: 1) o contexto espacial onde esses mosaicos foram encontrados; 2) quem provavelmente frequentava esse espaço; e 3) sua simbologia.

\*\*\*

Analisemos primeiramente o mosaico I. Localizado em frente aos santuários do templo, é de temática marinha, com peixes e golfinhos cujas caldas parecem se transformar em híbridos de cobra com cabeça de cão. Neste mesmo mosaico há uma inscrição a Nodens, cujo dedicante provavelmente seria um dos sacerdotes (WRIGHT, 1985). Seu destaque no templo, em frente aos santuários, não apenas sugere a importância da desse conjunto simbólico, como também confirma que o caráter aquático é realmente relacionado à Nodens.

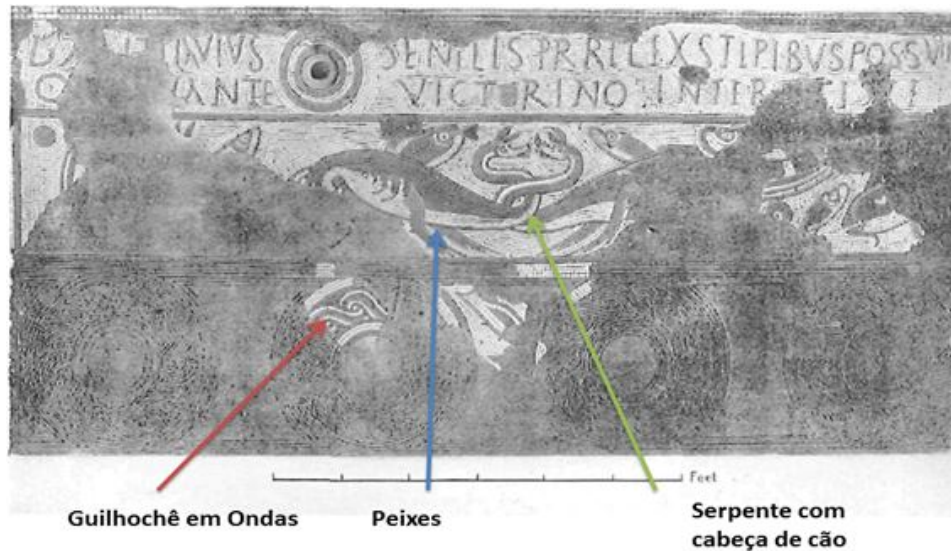
O híbrido golfinho/cobra/cão do mosaico I, além da representação estatuária dos cães, pode confirmar a relação com Asclépio, como também pode ser uma presença anterior no culto referente à caça.

Em relação aos mosaicos de temas geométricos/florais, alguns símbolos chamam a atenção. No tema central dos mosaicos II e III encontramos a representação de uma flor, que Rainey (1973: 178) classifica como uma possível folha de hera ou broto de lótus. Um rolo de folhas de hera<sup>2</sup> (DUNBABIN, 1999: 340) também é identificado circundando o nó duplo do mosaico IV. Em todos esses mosaicos, a presença de estruturas chamadas de guilhocês, e as gavinhas nos cantos do mosaico II sugerem um caráter vegetal, lembrando plantas trepadeiras como a hera, ou a vinha. No

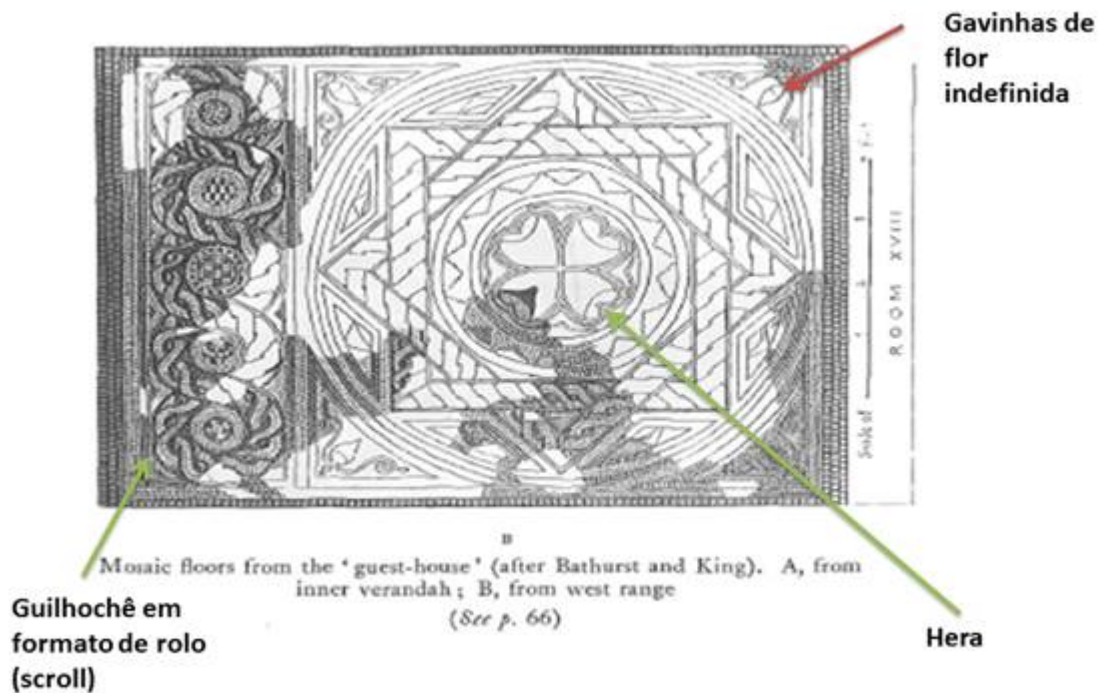
---

<sup>2</sup> Ivy Scroll no original.

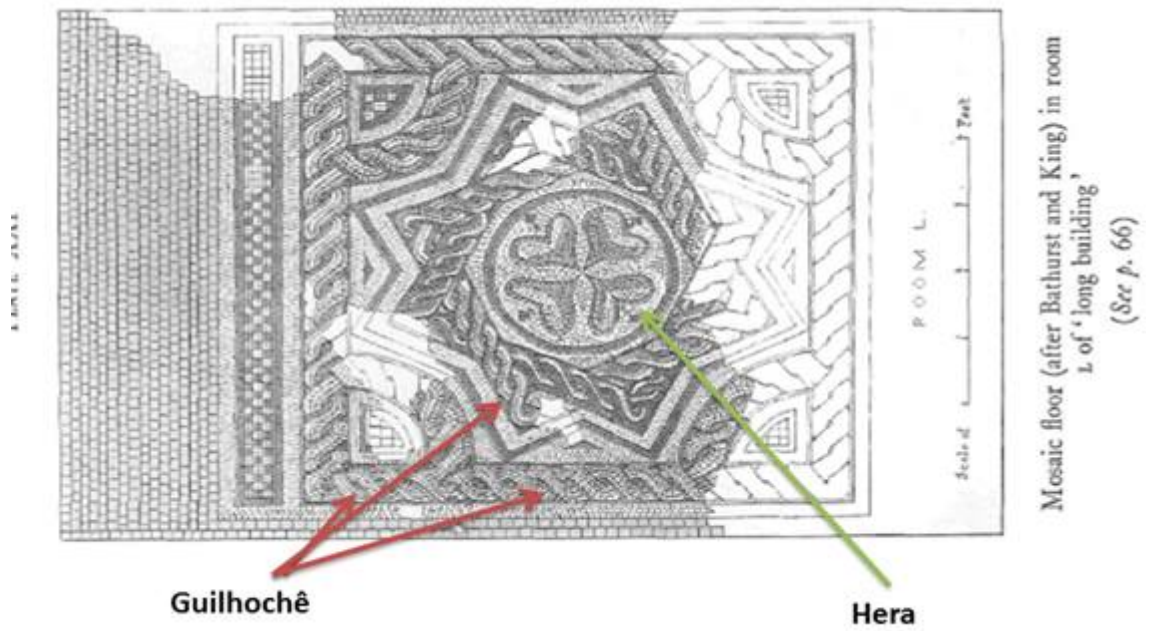
mosaico V, encontramos como tema central um cântaro, jarro de cerâmica tradicionalmente utilizado com o vinho.



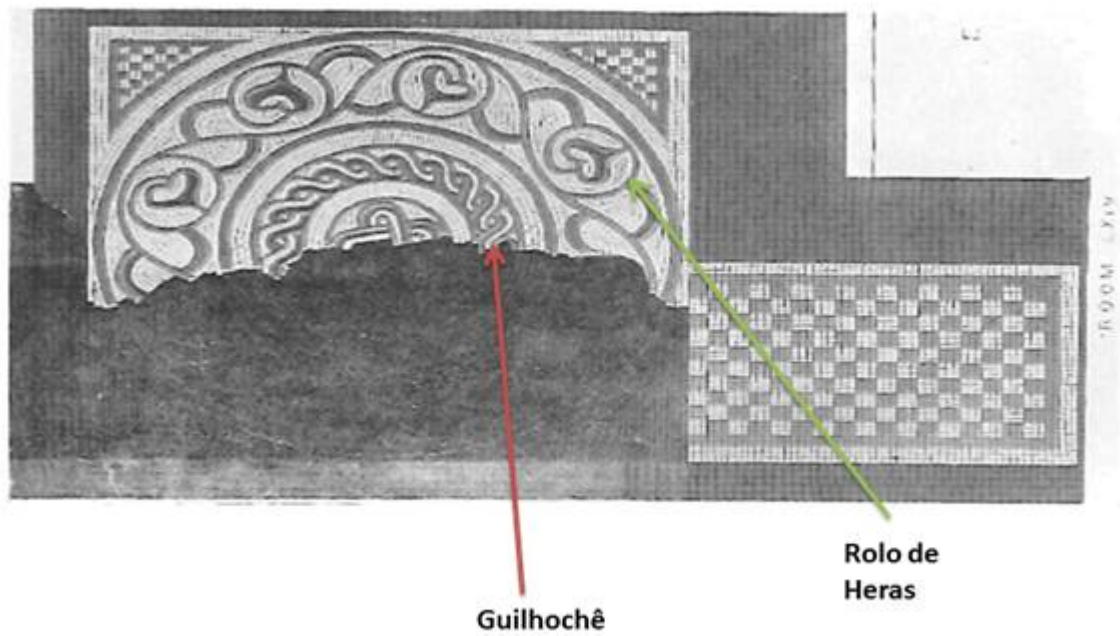
Mosaico I: Cella do Templo de Nodens, em frente a três santuário. Imagens voltadas para a entrada do templo (WHELLER & WHEELER 1932, plate XIX).



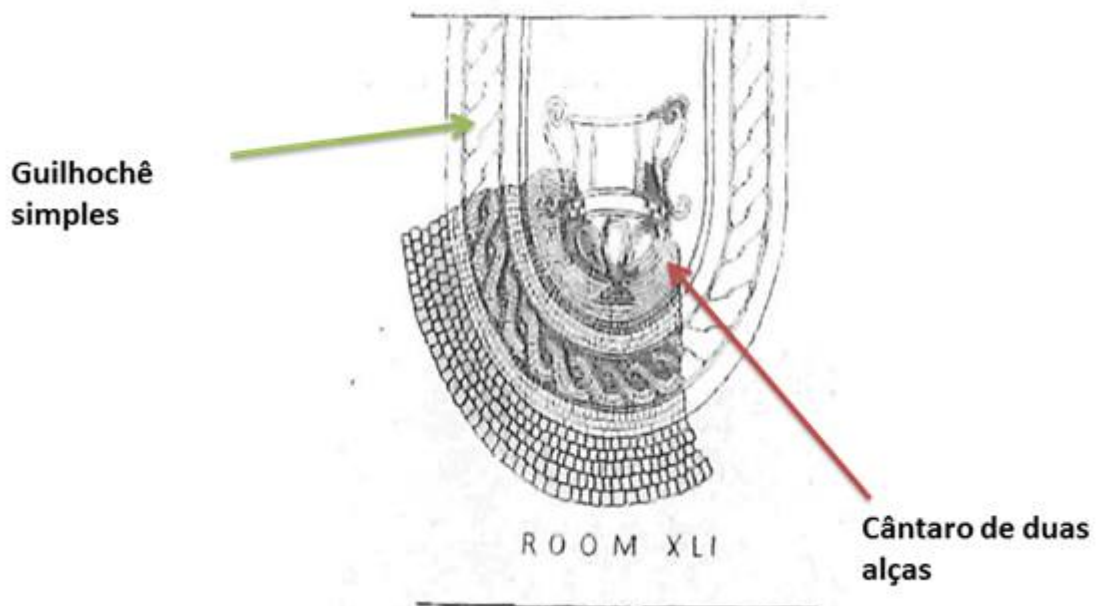
Mosaico II: Sala XVIII da Hospedaria (Guest House) (WHELLER & WHEELER 1932, plate XX).



Mosaico III: Sala L do “Abaton” (WHELLER & WHEELER 1932, plate XXI).



Mosaico IV: Capela (sala LXIV) do templo. Estrutura primária voltada para a entrada da capela (WHELLER & WHEELER 1932, plate XIX).



Mosaico V: Hipocausto (sala XLI) das termas. A abertura do cântaro se volta para a entrada do hipocausto (WHELLER & WHEELER 1932, plate XIX).

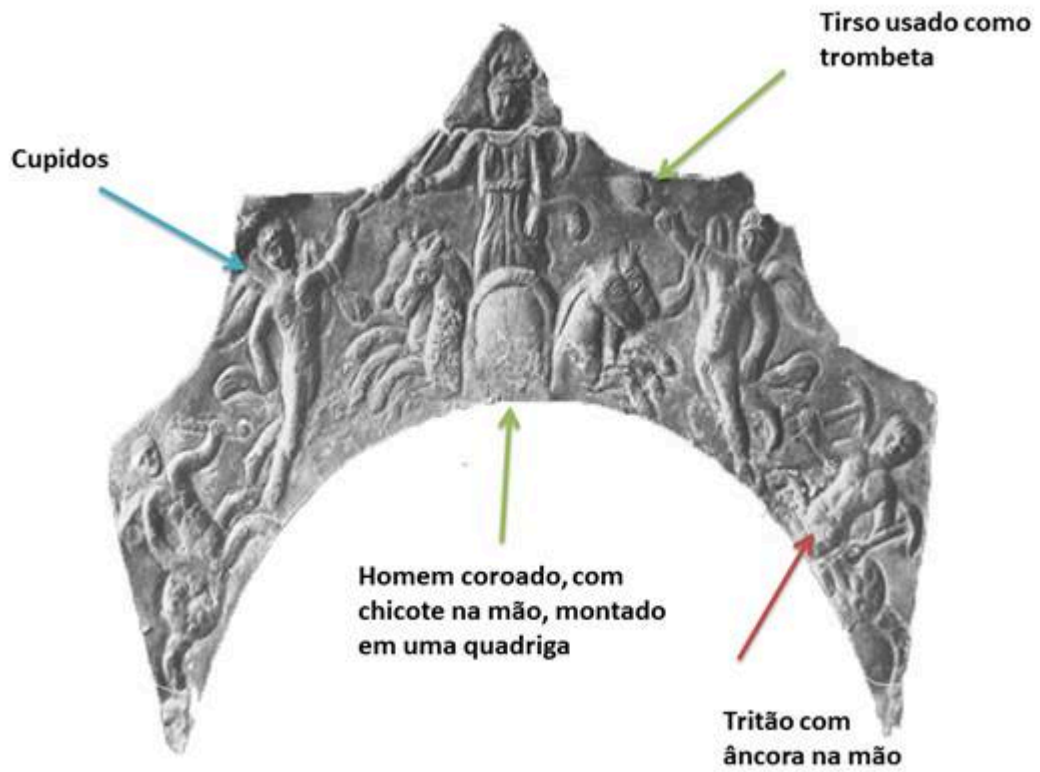
Todos os elementos descritos acima, em conjunto, sugerem um sistema simbólico ligado ao culto de Dionísio<sup>3</sup>. As folhas de hera são, assim, símbolos tradicionalmente ligados ao deus, assim como o vinho representado pelo cântaro.

Isso nos permite confrontar o conjunto simbólico desse mosaico com outros achados, como as placas de bronze com tritões com monstros marinhos, homens pescando, e um possível adorno para a cabeça feito de bronze onde está representado um cavaleiro em uma biga de quatro cavalos, cercado por tritões e humanos alados.

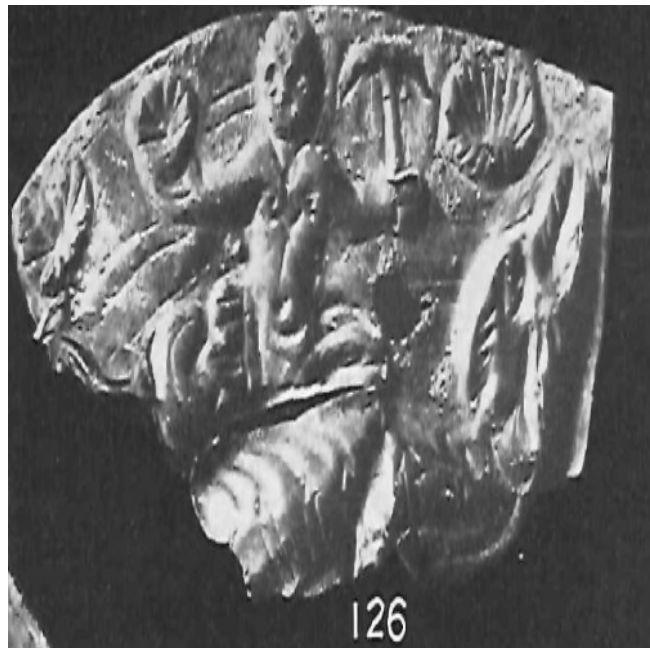
O adorno para a cabeça feito de bronze possui um conjunto iconográfico interessante. Pudemos identificar a presença do tirço, tanto avulso, quanto na mão dos Eros alados, segurados de forma muito semelhante à de uma trombeta. O tirço, assim como a hera e a ânfora, são geralmente associados a Dionísio, estando presente frequentemente em sua representação iconográfica.

---

<sup>3</sup> Optamos aqui em remeter às divindades em seus nomes gregos, a exemplo de GRIMAL, 1997; TURKAN 1996; HORNBLOWER & SPAWFORH, 1996.



(WHELLER & WHEELER 1932, plate XXVII)



(WHELLER & WHEELER 1932, plate XVIII)

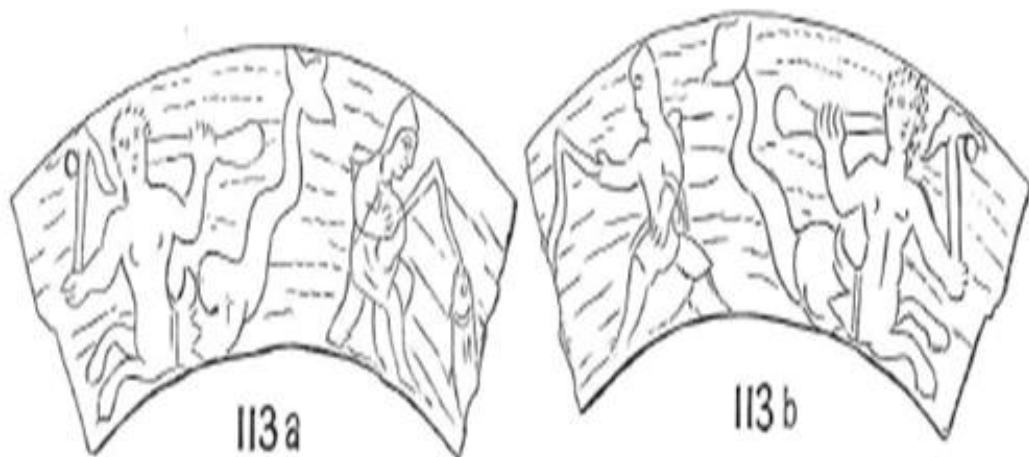


FIG. 21. Scale: 106, 110, and 113,  $\frac{1}{2}$ ; others,  $\frac{1}{4}$  (See p. 87)

(WHELLER & WHEELER 1932, p. 86)

Além disso, a cena como um todo, em especial a associação entre os tírços e as trombetas, remetem à própria mitologia de Dionísio descrita por Plutarco (HORNBLLOWER & SPAWFORH, 1996: 481), onde este descreve uma invocação ritual de Dionísio, que teria emergido do mar, através do sacrifício de um carneiro a Hades e do tocar de trombetas que estariam escondidas dentro de tírços. Entretanto, uma análise mais profunda da história do culto de Dionísio em Roma pode nos sugerir um caminho diferente.

Os mistérios de Dionísio teriam sido introduzidos oficialmente em Roma por César, apesar de já existirem clandestinamente há um século e meio antes. O culto dionisíaco se espalhou rapidamente nos primeiros três séculos d.C., sendo retratados em cerâmica, gemas, mosaicos, na literatura e em epígrafes. A simbologia do Dionísio romano é relacionada constantemente também com a divindade frígo-trácia Sabazius, presente no mundo mediterrâneo desde o séc. VII a.C.. Sabazius é uma divindade celeste, de aspecto guerreiro, que aparece geralmente montada em um cavalo e acompanhada de cães e serpentes, um protetor da integridade física, de cura e associada ao mundo ctônico (TURKAN, 1996: 306-307). Sabazius está presente na Gália, no Templo em Vichy, França, em contexto aquático e repleto de ex-votos.

Tais observações ressignificam as interpretações anteriores do mosaico I que sugeriam a primazia do caráter curativo ligado a Asclépio e Marte no ritual, em especial relativos ao orifício para libações na parte superior do mosaico. Provavelmente, a divindade associada a Nodens na iconografia seria Dionísio Sabázius, com seus aspectos ctônicos e de cura ligados ao imaginário

ligado à caça e ao subterrâneo presentes no culto de Nodens. Stephen Yeats (2008: 90, 99-100) observa que cultos em regiões de mineração geralmente possuem um caráter comunal acentuado, geralmente ligadas ao céu, chuva e inundações (e dessa forma, a vida e a morte). Coincidentemente, o culto é também associado a cavernas, o que nos faz crer que a arquitetura do templo poderia remeter à caverna ou à antiga mina nativa para fins rituais, fato reforçado pelo orifício de libações.

## **Signos**

### **1. Dionisiacos**

1. **Cântaro**
2. **Hera**
3. **Guilhochê**
4. **Tirso**
5. **Evocação de Dionísio pelo mar através de trombetas escondidas em tirsos (Plutarco)**

### **2. Marinhos**

1. **Tritões**
2. **Pesca**
3. **Conchas**
4. **Âncora**
5. **Ondas**

### **3. Animais**

1. **Cavalos**
2. **Híbrido Peixe/Cobra/Cão**
3. **Cão de caça**

### **4. Sabazianos (pesquisa recente)**

1. **Túnica**
2. **Coroado**
3. **Quadriga de cavalos**
4. **Serpente**
5. **Tirso**

## **Conclusão**

As pesquisas iniciais em Lydney apresentavam uma *interpretatio* associada com Marte, Silvanus ou Asclépio apenas baseada na epigrafia e tentativa de relacionar o templo com outros de natureza semelhante. Essas análises partem de um movimento homogeneizante e sistemático próprio da arqueologia britânica processual, preocupada com a criação de grandes sistemas de análise. Novas



correntes de abordagem, entretanto, vem procurando uma visão mais contextual, local, que leve em consideração fatores como paisagem, prática ritual experiência, agência e inovação das populações locais, como os estudos Pós-coloniais, o pós-processualismo e os estudos sobre hibridismo cultural.

Analisando as fontes iconográficas do templo, percebemos a existência de um culto híbrido, com elementos romanos e nativos. Uma das contribuições vem da divindade local, Nodens, cuja simbologia gira em torno do mundo ctônico, do céu e a caça, aliados no santuário de Lydney a uma tendência comum na cultura céltica de santuários de simbologia aquática-ctônica de fins medicinais. No percurso da comunidade romano-bretã constituída no oeste da Bretanha, surgem inovações no culto como a *interpretatio* ressignificada de Dionísio-Sabazius e sua expressão por meio de uma monumentalização complexa e híbrida, expressa na arquitetura, devoção e deposição ritual e simbologia experimentada no templo de Dwarf's Hill.

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes:

AELIAN, Animals 14.28. Disponível em <http://www.theoi.com/Pontios/Nerites.html>. Acessado em 04/12/2011 às 07:37

BATHURST, W.H. (1879), *Roman Antiquities at Lydney Park*, London, Longmans, Green and co..

CASEY, P.J. & HOFFMAN, B. (1999), Excavations at the roman temple in Lydney Park, Gloucestershire in 1980 and 1981, *Antiquaries Journal*, 79, 1999, p.81-143

WHEELER, R. E. M. & WHEELER, T. V. (1932), Report on the Excavation of the Prehistoric, Roman, and Post Roman Site in Lydney Park, Gloucestershire, *Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London*, IX, 1932.

### Referências Bibliográficas:

BARRETT, J.C. (1997), Romanization, a critical comment, In MATTINGLY, D.J. ed., *Dialogues of Roman Imperialism: Power, discourse, and discrepant experience in Roman Empire*, Rhode Island, Cushing Malloy, Supplement of the Journal of Roman Archeology, 23.

BÉRARD, C. (1983), Iconographie-Iconologie-Iconologique, *Études de Lettres, Revue de la Faculté de Lettres*, Lausanne, fasc. 4, 1983, p. 5-37.

BHABHA, H. (2006), *The Location of Culture*, London, Routledge.

BROWN, Peter (1972), *O Fim do Mundo Clássico. De Marco Aurélio à Maomé*, Lisboa, Verbo.



- BUSTAMANTE, R. M. da C. (2006), Embates político-religiosos na Antiguidade Tardia: análise comparativa entre o discurso imagético provincial e o discurso jurídico imperial, In SILVA, G. V. da; NADER, M. B.; FRANCO, S. P. org., *As identidades no tempo: ensaios de gênero, etnia e religião*, Vitória, EDUFES, 1, p. 321-351.
- CÂMARA, J. R. C. C. R. (2005), *Romanização e construção da fronteira étnica na Britânia romana*, Niterói, Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense.
- MENDES, Norma Musco org. (2006), *Repensando o Império Romano*, 1 ed. Rio de Janeiro e Vitória, Mauad e EDUFES, p. 267-284.
- CUNLIFFE, Barry (1999), *The Ancient Celts*, London, Penguin Books.
- DUNBABIN, Katherine M. (1999), *Mosaics of the greek and roman world*, Cambridge, Cambridge University Press.
- FREEMAN, P.W.M. (1997), Mommsen through to Haverfield: the origins of Romanization studies in late 19th-c. Britain, In D.J. Mattingly ed., *Dialogues in Roman Imperialism. Power, Discourse and Discrepant Experience in the Roman Empire* (JRA Supp. Series 23), Portsmouth/R.I., p. 27-50.
- FRIGUETTO, R. (2006), Política e poder na Antiguidade Tardia: uma abordagem possível, *História Revista (UFG)*, v. 11, 2006, p. 161-177.
- GREEN, M. J. (1986), *The Gods of the Celts*, Stroud, Sutton Publishing.
- GREEN, Miranda J. (1992), *Dictionary of Celtic Myth and Legend*, London, Thames and Hudson.
- GRIMAL, Pierre (1997), *Dicionário da mitologia grega e romana*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- HILL, J. D. (1995), Pre-Roman Iron Age in Britains and Ireland (ca. 800 B.C. to A.D. 100): An Overview, In *Journal of World Prehistory*, 9, 1, Plenum Publishing Corporation.
- HINGLEY, R. (2005), *Globalizing Roman Culture: Unity, diversity and empire*, New York, Routledge.
- HINGLEY, R. (2010), *O Imperialismo Romano - Novas Perspectivas a partir da Bretanha*, São Paulo, Annablume.
- HORNBLOWER, Simon & SPAWFORTH, Antony, (2003), *Oxford Classical Dictionary*, ed. 3 revised, New York, Oxford University Press.
- JOLY, M. (1996), *Introdução à análise da imagem*, Campinas, Papirus.
- KARL, Raimund (2008), Random Coincidences, Or: the return of the Celtic to Iron Age Britain, *Proceedings of the Prehistoric Society*, 74, 2008, p. 69-78.
- LING, Roger. (1998), *Ancient Mosaics*, London, British Museum Press.
- MACCANA, Proinsias (1975), *Celtic Mythology*, London, Hamlyn.
- MACKILLOP, James (2004), *Oxford Dictionary of Celtic Mythology*, Oxford, Oxford University Press.



- MACKILLOP, James (2006), *Myths and Legends of the Celts*, London, Penguin Books.
- MENDES, N. M. (1999), Romanização: Cultura Imperial, *Phoînix*, 5, 1999, p. 307-324.
- MENDES, N. M. (2002), *Sistema político do Império Romano do Ocidente: um modelo de colapso*, Rio de Janeiro, DP&A Editora.
- MILLETT, Martin (2005), *Roman Britain*, English Heritage, London, B T Batsford.
- NEAL, David S. (1981), *Roman Mosaics in Britain*, Gloucester, Alan Sutton Publishing.
- RAFTERY, B & TWIST, C. (2001), *Philip's Atlas of the Celts*, London, George Philip Ltd., p. 101.
- RAINEY, Anne. (1973). *Mosaics in Roman Britain: A Gazetteer*, David & Charles, Newton Abbot.
- SALWAY, Peter (1998), *Roman Britain*, Oxford History of England, Oxford, Oxford University Press.
- SILVA, Gilvan Ventura da. (2003), Violência e intolerância religiosa no Baixo Império: os levantes de Constantinopla sob o governo de Constâncio II (337-361), *Phoînix*, 9, 2003 p. 128-150.
- TACLA, A.B. A (2008), Religiosidade Celta: politeísmo “naturalista”? *Cadernos do CEIA*, 1, 2008, p.8-28.
- TAINTER, J. (1996), Complexity, problem solving, and sustainable societies, Disponível online em: <http://dicoff.com/page134.htm>
- TOLKIEN, J.R.R. (1932), Appendix I: The name “Nodens”, In WHEELER, R. E. M. & WHEELER, T. V, Report on the Excavation of the Prehistoric, Roman, and Post Roman Site in Lydney Park, Gloucestershire, *Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London*, No. IX, Oxford.
- TROMBETTA, Silvana. (2004), *O cotidiano e sua representação nos mosaicos das províncias romanas da Gália, norte da África e Palestina*, São Paulo, Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.
- WATTS, D. (2002), *Religion in Late Roman Britain: Forces of Change*, London, Routledge.
- WEBSTER, Graham (1993), *Roman Invasion in Britain*, Routledge, London and New York.
- WEBSTER J. (1996), Roman imperialism and the 'post imperial age', In WEBSTER J ; COOPER, NJ, ed., *Roman Imperialism: post-colonial perspectives*, Leicester, School of Archaeological Studies, University of Leicester, p. 1-17.
- WEBSTER J. (1996b), Ethnographic barbarity: colonial discourse and “Celtic Warrior Societies”, In WEBSTER J ; COOPER, NJ, ed., *Roman Imperialism: post-colonial perspectives*, Leicester, School of Archaeological Studies, University of Leicester, p. 111-123.
- WEBSTER, J. (1997), A negotiated syncretism: readings on the development of Romano-Celtic religion, In MATTINGLY, D.J., ed., *Dialogues in Roman Imperialism*, p. 164-184.



WITTS, Patricia. (2005), *Mosaics in Roman Britain: Stories in stone*, Stroud, Tempus.

WRIGHT, R. P. (1985), A Revised restoration of the inscription on the mosaic pavement found in the temple at Lydney Park, Gloucestershire, *Britannia*, 16, Society of Promotion of Roman Studies.

YEATES, Stephen J. (2008), *The Tribe of the Witches: The Religion of the Dobunni and Hwicce*, Oxford, Oxbow Books.

**Sobre o Autor:** Brunno é mestrando em História pela Universidade Federal Fluminense - UFF. Filiado ao Núcleo de Estudos de Representações e de Imagens da Antiguidade (NEREIDA) desde 2010. Inserido nos debates sobre Imperialismo Romano, Pós-Colonialismo e Hibridismo Cultural, desenvolve pesquisas sobre religiosidade e identidade Romano-Bretã, através de diálogos entre História, Arqueologia e Literatura. Atua paralelamente na Rede Municipal de ensino, na cidade de Volta redonda, RJ.